

Dez anos de Bienal

Ora, se deu que há dez anos era inaugurada, em São Paulo, a I Bienal de Artes; e a VI, que agora se realiza, ao reivindicar e proclamar um caráter comemorativo, com a euforia muito justificada de sua permanência e continuidade, tem, sem dúvida, a significação de uma vitória; mas, ao mesmo tempo, assume uma grave responsabilidade.

Ninguém, de boa-fé, poderá negar a esplêndida ousadia dêsse empreendimento do espírito bandeirante, que durante alguns meses promove São Paulo a capital artística do mundo e cuja realização se deve quase exclusivamente à teimosia, ao idealismo e à generosidade de um homem, no caso Francisco (Cicilo) Matarazzo Sobrinho. A Bienal é, hoje, um orgulho paulista. Crescendo sempre, em área ocupada, no número de trabalhos expostos, na importância dos prêmios concedidos, em significação, em interesse e em fuxicos marginais, desde o tímido embrião que foi a primeira, até a esta sexta que é a maior de todas e que registra, pode-se dizer, a sua maioridade, ela deixou de ser um acontecimento periódico na vida paulistana para tornar-se uma instituição, um monumento, um símbolo da força, do poderio e do dinamismo de São Paulo.

Esta aceitação, a princípio um tanto forçada, mais tarde passiva e afinal reivindicadora e orgulhosa, por parte do povo — pois o povo sabe de sua importância internacional — é uma arma de dois gumes, tem dois aspectos divergentes e contraditórios; pois se as bienais influíram poderosamente, como fermento estimulante e catalisador, na dinamização da cultura e do gosto populares, por outro lado foram aos poucos perdendo, força é confessar, o seu sentido inicial de impacto, de surpresa, de suspense, de elemento emocional

de choque e turbulência polêmica. O povo, em sua grande maioria, aceita a Bienal e mesmo orgulha-se dela; mas não creio que a compreenda.

A atual feira do Ibirapuera, magnífica como instalação e apresentação, ostenta um aspecto verdadeiramente monumental. Mas talvez lhe falte, em comparação com as outras, menos suntuosas, um centro de interesse sensacional, capaz de polarizar, ao mesmo tempo, a emoção e a curiosidade dos iniciados e dos leigos, dos artistas e do público, como se via, por exemplo, em torno das retrospectivas de Picasso e de Van Gogh, em bienais anteriores.

A sensibilidade de um Julius Bissier, o admirável pintor alemão que obteve, com toda a justiça, o Prêmio Decenal, criado por Cicilo Matarazzo para comemorar o 10º aniversário da Bienal, é, para o não-iniciado, de difícil apreensão, em sua subjetividade lírica, que não evita a objetividade da figura, mas diluindo-a numa atmosfera de pura magia formal, retirando-lhe toda e qualquer referência ou alusão ao seu significado realista. Acrescente-se a isto a fatura miniatural, as dimensões exíguas dos trabalhos expostos, a total ausência de "monumentalidade" — e compreender-se-á que só uma sensibilidade experimentada e consciente das dificuldades e dos segredos da pintura — o que vale dizer, uma insignificante minoria — poderá captar a insinuante autenticidade dessa arte discreta e refinadíssima.

Há também Orozco. Os expressionistas, em geral, sempre se preocuparam muito com a "matéria", o tratamento plástico do quadro. Ora, Orozco transpõe para a tela a sua técnica larga, decorativa e algo primária de muralista. O seu expressionismo de cavalete, com isso, perde em vigor. O alemão Kurt Schwitters e o francês Jacques Villon têm importância histó-

rica e a visitação de suas obras é de grande interesse para o estudioso; relativa, para o leigo. Quanto ao uruguaio Figari, de resto delicioso, não tem o prestígio de um grande nome universal, capaz de atrair o público. Deixando de lado os afrescos medievais iugoslavos, as pinturas indianas de Ajanta e o barroco religioso paraguaio, de grande beleza, é certo, mas pelo seu caráter de arte tradicional, alheios ao espírito polêmico da Bienal, devo dizer que, na minha opinião, a retrospectiva mais importante, significativa e emocionante é a do nosso Goeldi. Mas não vou falar de Goeldi a leitores que o conhecem tão bem quanto eu.

Das salas especiais destinadas aos artistas nacionais já premiados em bienais anteriores, quero destacar a de Volpi. Aqui, a Bienal realiza plenamente uma de suas finalidades didáticas mais úteis, a ambição de ser, digamos assim, uma suma, uma síntese antológica da obra de um artista, indicando todo o roteiro de sua evolução. É este, aliás, o sentido pedagógico de todas as retrospectivas. Mas, no que tange a Volpi, ressaltando desde logo a qualidade superior de sua pintura de todas as fases, o palmilhar dêsse longo roteiro levamos a algumas considerações que eu quisera evitar (pois que, afinal, isto é menos uma crítica do que uma reportagem), mas cuja omissão privaria o leitor de tomar conhecimento de um fenômeno, em grande parte devido às bienais, quase de ordem geral, de sentido coletivo, no panorama das artes plásticas contemporâneas, no Brasil: a facilidade, a docilidade, a gratuidade, isenta de qualquer inquietação, meditação e "necessidade" com que os pintores chamados "figurativistas" deram marcha-à-ré em suas convicções — se é que convicção havia — acomodando-se às exigências da moda "abstracionista", dominante nas bienais passadas, mas já agora sujeita, como



adiante veremos, a certas concessões prenunciadoras de nova "meia volta, volver" para o lado da figura.

No caso particular de um artista do alto gabarito de Volpi, o abstracionismo não é uma aventura leviana, mas uma pesquisa consciente, correspondendo a uma nova visão do mundo e conseqüente transformação do vocabulário capaz de exprimi-la. E não deixa de ser tocante verificar-se a modéstia, a humildade com que o grande pintor se despiu, aos poucos, do seu admirável sensualismo plástico, para chegar ao extremo despojamento dos últimos trabalhos.

Aliás, o concretismo, que reivindicava a posição mais extremada da ala abstrata, parece estar em desfavor. O Brasil é dos raros países que ainda teimam em apresentar seus frios gráficos como últimas novidades dos álbuns de figurinos de modas da arte indígena. Com escassa receptividade do público, diga-se desde logo. Da compreensão artística da maioria dos visitantes, seria demasiado exigir-se que não sorrisse, por exemplo, diante das extremas simplificações de um Hércules Barssotti. E até que, revolucionariamente, se liberte de tôdas as suas concepções tradicionais da arte da escultura, para aplaudir a decisão do júri, atribuindo o prêmio nacional da categoria ao engenhoso aparelho com dobradiças apresentado por Lígia Clark. Verdade é que, a propósito do seu compatriota Chadwick, o eminente crítico inglês "Sir" Herbert Read escreve no catálogo: "O artista moderno precisa criar seus próprios mitos. É como a criança moderna que já não crê em contos de fada e é levada, por suas necessidades de sublimação, a atribuir magia aos brinquedos mecânicos."

Observação que explicaria, mais ainda que a escultura de Chadwick, o complicado mecanismo, exposto em sala obscurecida para a necessária projeção, de fabricação do francês Nicolas Schoffer, curiosa realização da "arte espaço-dinâmica", que acrescenta às três dimensões espaciais clássicas da escultura, o movimento, a luz, a cor e a música.

E assim, desde que falamos em Lígia Clark e no seu prêmio, resvalamos inevitavelmente para o incômodo e perigoso capítulo das premiações. Ninguém ignora que uma exposição de arte da importância internacional da Bienal de São Paulo é um campo de batalha, onde se discutem verdadeiros problemas de "guerra fria". Os delegados das grandes potências artísticas — pois há as grandes potências artísticas, que nem sempre são as grandes potências tout court

— que são os próprios componentes do júri, juntamente com o representante ou representantes do Brasil, comportam-se, na questão dos prêmios, não tanto como críticos, mas principalmente como hábeis diplomatas. A questão da premiação é, assim, menos um problema estético do que um arranjo político. A França, por exemplo, ciosa de suas gloriosas tradições e do seu prestigioso papel nas manifestações mais expressivas das artes plásticas dos séculos XIX e XX, foi, mais uma vez, para a cabeça, na obtenção do grande prêmio internacional, na importância, este ano, de um milhão de cruzeiros. Aconteceu que o artista francês assim tão largamente premiado, em honraria e pecúnia, é uma pintora portuguesa, a nossa muito conhecida Maria Helena Vieira da Silva. Decisão hábil, que com uma só cajadada veio a matar dois coelhos, pois, honrando a França, não deixou de prestar homenagem a Portugal. Hábil e, a meu ver, justa, embora, como é natural, não tenha contentado a muitos.

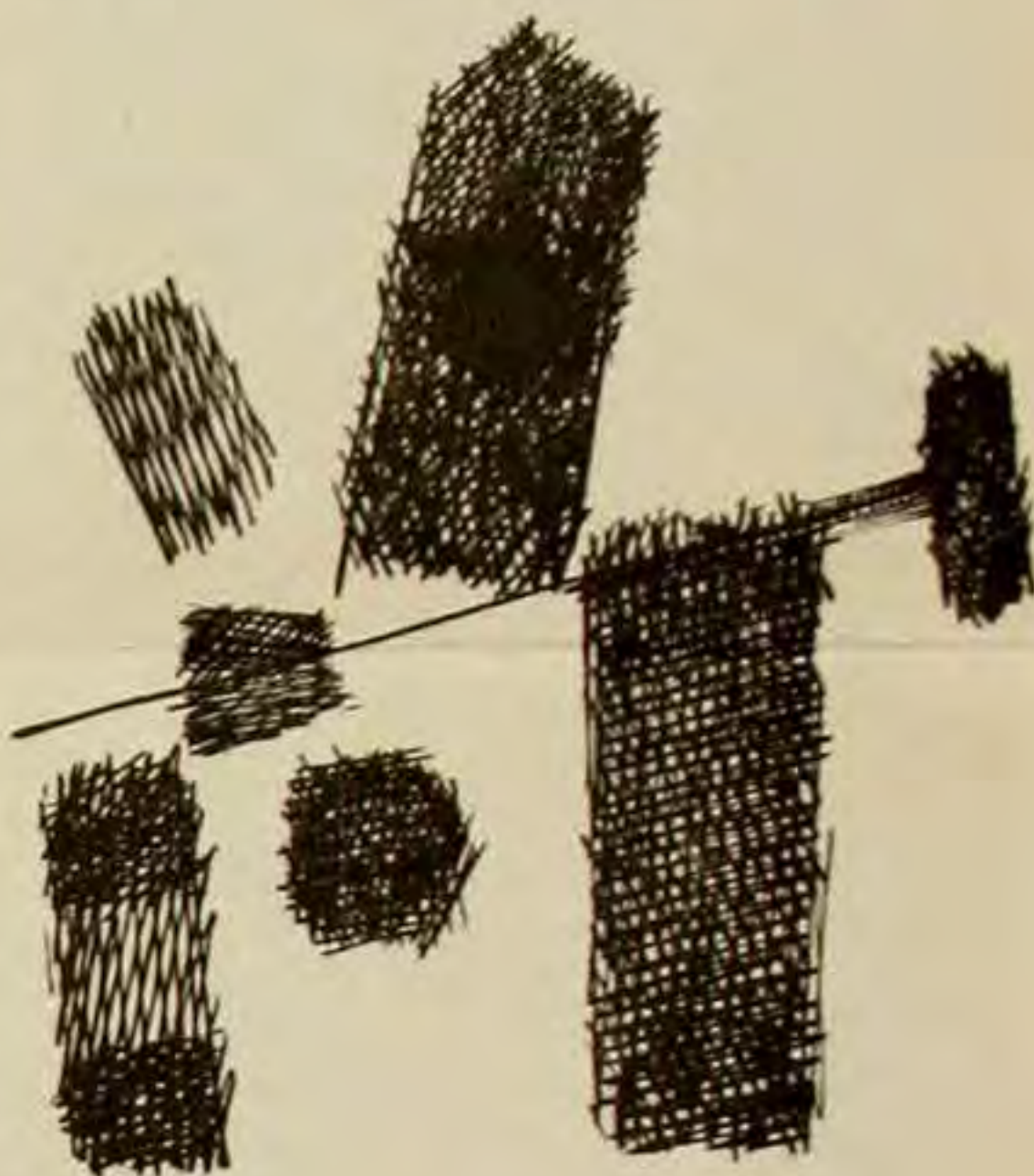
A rítmica linear de Vieira da Silva mal encobre a estrutura do realismo paisagístico, de onde deriva, conservando, em alguns quadros, certas reminiscências do lirismo utrilliano, com um potencial de abstração muito maior. Sua pintura é, assim, um produto típico da Escola de Paris.

O prêmio de pintura estrangeira coube ao japonês Yoshishige Saito, cuja técnica formidável no aproveitamento plástico da madeira, em que são pintadas suas belas composições, por meio de sábias incisões, bem revela, através da paciente pesquisa artesanal, a autenticidade do seu orientalismo. O prêmio de escultura coube à Argentina, conquistado que foi por Alicia Penalba, cujo amadurecimento artístico se fez em Paris, no atelier de Zadkine.

A política das premiações levou o júri a conceder o prêmio de gravura aos Estados Unidos, na pessoa do seu representante Baskin, a propósito do qual se falou em renascimento do figurativismo, com um "neo", para atraparalhar. É difícil explicar a razão desse prefixo, quando se trata pura e simplesmente de figurativismo. Mau figurativismo. E, em se tratando de uma arte tão estreitamente dependente da técnica artesanal, pode-se acrescentar: mediocre gravura. Já o mesmo não diria eu dos desenhos de Tadeusz Kulisiewicz (Polônia), que abiscoitou o prêmio de sua categoria. Sob fundos finamente quadriculados, Kulisiewicz imprime um traço ao mesmo tempo delicado e firme, alcançando admiráveis

efeitos de filigrana, a que às vezes acrescenta leve e agradável colorido. Bom figurativismo e bom desenho.

Na distribuição dos prêmios destinados aos artistas nacionais, os membros estrangeiros do júri, em geral, abstêm-se de opinar e decidir, considerando-a uma questão de ordem interna, cujos meandros desconhecem e cujas soluções, sugeridas pelos delegados brasileiros, apenas lhes cumpre aceitar e ratificar. Mesmo porque o assunto tem, para eles, um interesse muito relativo. Esses problemas de política municipal artística são, pois, resolvidos em família, obedecendo à mesma técnica do "toma lá, dá cá", porém segundo outros critérios. É preciso contentar os artistas do Rio, sem descontentar os de São Paulo; exatamente como no futebol...



Os premiados principais foram os seguintes: em pintura, Iberê Camargo; em escultura, Lígia Clark; em desenho, Anatol Wladislaw; e em gravura, Isabel Pons. Permitam-me os leitores que me limite à menção dos nomes premiados, aliás perfeitamente respeitáveis, sem comentar os prêmios. Sem individualizar, haveria talvez uma observação a fazer: na minha modesta opinião, um prêmio da Bienal não é um incentivo; é uma consagração. Premiar pesquisas, por mais interessantes que sejam e por mais fecundas que pareçam, é sempre um equívoco. Toda pesquisa é uma aventura, que corre o risco do malogro e joga no escuro na vitória; pode, e às vezes deve, ser estimulada, encorajada, incentivada; mas só a obra acabada, realizada e definitiva, que deixa de ser uma experiência para se apresentar como uma conclusão, merece ser premiada.

Isto, repito, é uma simples reportagem, o menos possível recheada de digressões críticas e absolutamente destituída de intenção polémica. Se me perguntassem: você, membro do júri, teria dado seu voto aos artistas nacionais que foram premiados, levando exclusivamente em conta os trabalhos apresentados nessa Bienal? Sinceramente, não. Orientando-me pelos trabalhos apresentados na Bienal, não. Mas isto é uma questão de gosto, que pouco deve interessar aos leitores e que os próprios artistas vitoriosos poderão, se o quiserem, com uma legitimidade que respeitarei — classificar de mau-gosto.

O que importa, aliás, não são os prêmios da Bienal, mas a própria Bienal, em si. E neste particular, creio que todos estamos de acordo, para louvá-la e manifestar a nossa maior admiração por ela.